



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

MÉRTOLA E O SEU TERRITÓRIO NA ANTIGUIDADE TARDIA

Virgílio Lopes

Campo Arqueológico de Mértola / Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património / Bolseiro Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia / virgilioamlopes@sapo.pt

Resumo

O presente trabalho inscreve-se numa linha de investigação arqueológica que tenho vindo a desenvolver, desde 1990, no Campo Arqueológico de Mértola. Pretendo traçar a narrativa sobre o contributo da vila Mértola para o conhecimento dos primórdios do processo de cristianização no sudoeste peninsular.

Os resultados são fruto de diversas campanhas de escavação que tenho levado a cabo como corresponsável, integrado na equipa da instituição e que, de uma forma ininterrupta, em muito têm contribuído para o conhecimento da cultura material e da topografia histórica da cidade de *Myrtilis* e do seu território na Antiguidade Tardia.

Mértola é hoje uma pequena vila localizada no Sul de Portugal. Os trabalhos arqueológicos levados a cabo pelo Campo Arqueológico de Mértola, que se desenvolvem há mais de 40 anos, têm revelado importantes vestígios do passado desde as primeiras ocupações humanas até aos nossos dias.

Palavras-chave: Topografia histórica, Antiguidade Tardia, Cristianismo primitivo, Mértola, Portugal.

Abstract

The present work is part of a line of archaeological investigation that I have been developing since 1990 at Campo Arqueológico de Mértola. My work focuses on the contribution to the knowledge of the first stirrings of the process of Christianization in the in the South West Peninsular, that includes Mértola.

The results are the fruits of various archaeological digs integrated within the institution's team that I have been co-responsible for, which, in an uninterrupted way, have contributed a great deal to the knowledge of cultural material and historical topography of the city of Mértola and its territory in the period of Late Antiquity.

Today Mértola is a small town situated in the south of Portugal. The archaeological work carried out by Campo Arqueológico de Mértola (CAM) over the last 40 years has revealed important remains of the past from the first human settlements up until our present time.

Keywords: Historical topography, Late Antiquity, Early Christianity, Mértola, Portugal.

1. INTRODUÇÃO

A história do burgo de Mértola foi, desde sempre, fortemente condicionada por dois factores que moldaram a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a sua localização estratégica: implantada no topo de uma elevação ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuindo, desta forma, excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, destaca-se o facto de ser o ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana, encontrando-se a montante da vila, o acidente geológico do Pulo do Lobo, com um desnível de catorze metros que impede a progressão de embarcações para norte, pelo que Mértola adquire uma importância fundamental como último porto de acostagem. Estes factores tornaram-na num importante entreposto mercantil, em permanente contacto com um vasto território interno e com o Mar Mediterrâneo. Pelo porto da cidade escoavam-se, por exemplo, o ouro, a prata e o cobre extraídos das entranhas da faixa piritosa ibérica, em particular os minerais provenientes das minas de S. Domingos, localizadas na margem esquerda do Guadiana, de *Vipasca* (Aljustrel) ou dos “chapéus de ferro”, explorados na zona a Oeste de Mértola. Esta movimentação comercial traduzia-se na chegada ao porto de Mértola de gentes de todas as paragens e os mais diversos produtos e artefactos (Figura 1). Mértola foi, sem dúvida, o porto de *Pax Iulia*, e possivelmente, na Antiguidade Tardia o porto de Mérida.

As estradas e os rios não transportam somente mercadorias, mas principalmente as ideias e as culturas daqueles que as percorrem, influenciando as populações dos locais que visitam. Quanto maior o número de visitantes estrangeiros, quanto mais facilitado o contacto com eles, maior e mais marcante foi a adopção de outras referências culturais, num sentido largo, e menos



Figura 1 – Vista geral de Mértola e do Rio Guadiana, Virgílio Lopes.

conservadora a sua evolução. Mértola, no Baixo Alentejo foi terra de comércio e foi também um local onde essa miscigenação deixou marcas relevantes.

As descobertas arqueológicas nas últimas quatro décadas na zona do *forum* ou alcáçova da vila têm revelado uma peculiar narrativa histórica e religiosa, traduzida numa importância inesperada de Mértola no final do Império Romano e na Antiguidade Tardia e num diálogo inter-religioso que contesta diretamente as velhas teses de forte antagonismo entre as civilizações que povoaram o território nos inícios da Idade Média.

A descoberta recente de dois baptistérios quase contíguos suscitou um novo e interessante debate sobre a possibilidade de coexistência na vila de duas comunidades cristãs diferentes. É, no fundo, a continuação da interpretação de uma miscigenação cultural que parece ter sido apanágio de Mértola durante largos séculos e que é exuberantemente testemunhada pela riqueza do acervo epigráfico em latim e em grego.

2. A CIDADE

O urbanismo de Mértola foi fortemente condicionado pela situação topográfica pré-existente. A vertente virada ao rio Guadiana implicou que, do lado nascente e sul, se criasse uma estrutura de contenção das construções urbanas. Inevitavelmente, a topografia original levou a que destes lados se tivesse que proceder à construção de fortes muros para sustentar e criar plataformas habitáveis que, simultaneamente, constituíam o sistema defensivo da cidade (Figura 2).

A muralha atual tem um perímetro de cerca de 1.291 metros e abarca uma área de cerca de 50.000 m², ou seja, aproximadamente 5 hectares. Neste recinto, são identificáveis quatro acessos que devem corresponder às portas existentes desde os tempos romanos (Lopes, 2012, p. 26).



Figura 2 – Vista aérea de Mértola, Virgílio Lopes.

Na Antiguidade Tardia, *Myrtilis* manteve a sua importância económica e vocação mercantil. Os dados arqueológicos revelam que a atividade do porto de Mértola não decaiu e, a atestá-lo, estão as diversas importações de cerâmicas do Mediterrâneo oriental. A cidade, em si mesma, era a placa giratória das riquezas comerciais e minerais, que atravessavam o território em carroças ou no dorso de animais e, já embarcadas, desciam até ao mar e daí aos portos mediterrâneos. No sentido inverso chegavam mercadorias exóticas, múltiplos artigos provenientes de outras paragens, bem como outras gentes, com as suas línguas, cultos e culturas. Este constante vaivém trouxe os primeiros evangelizadores e a nova mensagem começou a florescer entre os patrícios e plebeus da *Myrtilis* romana, numa época em que o culto se oficializava e as várias comunidades religiosas podiam conviver simultaneamente.

As referências documentais da cidade e do seu sistema de defesa são escassas e resumem-se à Crónica de Idácio que refere que “*Censorius comes, qui Legatus missus fuerat ad Sueuos, rediens Martyli, obsessus a Rechila in pace se tradidit*” (Idacio 1984, p. 82). O texto permite deduzir a existência de uma fortificação importante em Mértola, em 440 que, ao ser escolhida por *Censorius* como refúgio, demonstra a capacidade para resistir, durante algum tempo, ao cerco de Réquila. A presença sueva, referida por esta fonte, deve ter sido efémera, não tendo ficado qualquer vestígio arqueológico que o demonstre, nem registo epigráfico que o ateste.

3. OS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS

No que se refere à arquitetura religiosa, durante os séculos V-VI d.C., procedeu-se à construção fora de portas, no *suburbium*, das basílicas paleocristãs do Rossio do Carmo e do sítio da Ermida de Santo António e do Mausoléu. Na zona da antiga acrópole, as construções do possível *forum* são, na mesma época, remodeladas e adaptadas às novas necessidades criadas com a introdução do Cristianismo. Tendo sido erguido um complexo de edifícios para albergar dois monumentais batistérios na parte oeste da plataforma. Para além das sumptuosas piscinas batismais, chegaram até aos nossos dias vestígios dos pavimentos adornados com painéis de mosaicos, onde não faltava a policromia dada pelas tesselas de vidro ou pelos vestígios dos frescos que chegaram até nós. A qualidade e a quantidade das edificações correspondem, seguramente, a um forte momento de cristianização da população local.

4. O COMPLEXO RELIGIOSO

A plataforma, onde está implantado o complexo religioso e o corredor porticado, é suportada por uma construção subterrânea designada por criptopórtico-cisterna. A descoberta desta construção foi feita no início do século XVI, por Duarte de Armas que anota no seu *Livro das Fortalezas* o seguinte: “aqui esta huã abobada atopida muyto boa” (Branco, 1997, p. 6).

Os trabalhos de escavação levados a cabo pelo C.A.M., em finais dos anos setenta do século XX, no interior desta estrutura, que “foi minuciosamente desentulhada durante cinco anos” (Torres & Silva, 1989, p. 31), revelaram uma galeria com um papel essencialmente estrutural, de contenção e suporte da plataforma de implantação do *forum*. Assim, no seu lado norte, para suportar maiores pressões numa amplitude mais vasta, o desnível era compensado por um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e alturas médias de, respetivamente, 2,70 e 5,80 metros (Torres & Oliveira, 1987, p. 618). Sendo possível equacionar que esta galeria teria várias funções: no início teria servido de elemento estruturante de apoio e sustentação do complexo religioso, integrando o sistema defensivo da cidade e e funcionava como local de armazenamento de mercadorias, dadas as temperaturas amenas do interior da galeria durante os meses de Verão.

Nos últimos quarenta anos, as escavações da Acrópole puseram a descoberto um conjunto de construções do complexo religioso. Este é constituído pela sala do batistério, um compartimento anexo, situado a norte, uma passagem em cotovelo e um espaço que ladeia a absíde; a sul e a norte é delimitado por um compartimento de planta basilical e uma galeria porticada. Este complexo batismal implantou-se na parte noroeste da plataforma artificial onde se teria possivelmente localizado o *forum* da cidade de *Myrtilis* (Figura 3).

Este grande edifício, de planta retangular, continha no seu interior um batistério octogonal implantado no centro de um tanque ou piscina, rodeado por um deambulatório. Partindo do espaço central abre-se a leste uma absíde de planta em arco ultrapassado, onde se revelam marcas no solo, que possivelmente indicam uma a localização da mesa do altar (Figura 4). O pavimento da galeria porticada e o deambulatório estavam cobertos por um belo tapete de mosaicos, do qual se conservam alguns fragmentos.

A pia batismal, com um ressalto em degrau que serviria de assento, é sustentada pelo exterior por oito pequenos absídiolos. A água trazida da encosta do castelo penetrava na pia por uma canalização de chumbo



Figura 3 – Planta do complexo religioso. I – Porta, II Arcossólios, III Pórtico, IV Batistério I, V Compartimento absidado, VI Batistério II; Nélia Romba.



Figura 4 – Vista geral do Batistério I, Virgílio Lopes.

e jorrava no alto de um pequeno pináculo cravado no centro. Alguns lances de degraus permitiam o acesso ao tanque e à pia batismal, estando estes completamente revestidos com placas de mármore e envolvidos por uma cancela.

Este batistério tem algumas semelhanças técnicas e formais com exemplares da França mediterrânica, do Norte da Itália e de Cartago na Tunísia – todos datados entre os séculos IV e VII. Contudo, é no batistério de Ljubljana (Emona, Eslovénia) que são mais notórias as semelhanças construtivas, tendo os autores que estudaram este conjunto batismal e o pórtico anexo, situado a sua cronologia por volta do século V d.C.. Na costa italiana da Ligúria, o complexo batismal também contém elementos semelhantes ao de Mértola e é datável de meados do mesmo século (Figura 5).

Associado ao espaço batismal existe um significativo conjunto musivo, de que fazem parte várias representações mitológicas, entre as quais se realça no deambulatório do batistério, um Belerofonte cavalgando o Pégaso para matar a Quimera e, no longo corredor porticado, dois leões afrontados e várias cenas de caça com um cavaleiro empunhando um falcão (Lopes, 2003, p. 110) (Figura 6). Procurando os paralelos para estas representações, não podemos deixar de referir



Figura 5 – Vista geral Batistério II, Virgílio Lopes.



Figura 6 – Painel de mosaicos com leões afrontados, Virgílio Lopes.

uma pequena capela perto de Hergla, na Tunísia, onde foi descoberto um mosaico em que também são representados dois leões afrontados e uma cena de caça com falcoaria, conjunto datado do século VI d. C..

Não é de excluir que tenha sido a mesma equipa de mosaístas, oriundos certamente do Mediterrâneo oriental, a executar todo este trabalho. Se a falta de paralelos bem datados inviabiliza uma cronologia segura, as leituras estratigráficas e os traços estilísticos permitem atribuir esta obra à primeira metade do século VI d.C.. Nessa época, a cidade de *Myrtilis* e os seus comerciantes, estavam em contacto com todos os portos do mediterrâneo, nomeadamente com o Próximo Oriente de onde são originários vários personagens sepultados na Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo.

Nos meses de junho e julho de 2013 a equipa do CAM iniciou uma escavação arqueológica na encosta do Castelo de Mértola, que tinha como objetivo a compreensão da sequência ocupacional daquela área. O edifício, onde se insere esta estrutura octogonal, encontra-se em fase de escavação, no entanto, os elementos existentes permitem-nos estimar as suas dimensões interiores: comprimento máximo 23 metros e largura 7,75 metros.

A piscina tem uma largura exterior máxima de 4,80 metros, a profundidade máxima é de 1,52 metros, sendo de 1,16 metros de profundidade até ao orifício do deságue. Interiormente, estrutura-se em degraus com distinta altura, sendo o fundo constituído por duas placas de mármore que formam um octógono irregular. As escavações arqueológicas prosseguem neste local procurando compreender a total dimensão do edifício batismal mas também a sua relação com os distintos espaços do complexo religioso.

A quantidade de fragmentos de frescos, recolhidos nos estratos de derrubes, leva a equacionar um programa pictórico em que na composição se destacam figuras humanas, motivos geométricos e florais, e eventuais símbolos. Apesar de estar longe de entender a totalidade do programa pictórico, podem ser avançadas algumas considerações: a primeira que nos parece evidente trata-se da pigmentação em tom de azul que, certamente, representa o céu e que teria um lugar central. Seguem-se as representações humanas, das quais apenas chegaram até nós três rostos perceptíveis e um desenho de uma face sumariamente delineada, da qual só se conserva o desenho dos olhos e do nariz. Apesar de não se conhecer o programa decorativo, os restos identificáveis parecem assemelhar-se aos programas pictóricos das pinturas das catacumbas de Roma (Bourguet 1965; Nicolai, Bisconti & Mazzoleni,



Figura 7 – Pormenor do mosaico com a cena de caça com falcão, Virgílio Lopes.

2000) ou com os frescos do Batistério de Barcelona. Estes últimos foram encontrados nas proximidades da piscina do batistério, conservados atualmente no Museu de História de Barcelona, datados arqueologicamente da segunda metade do século VI d.C.

As dimensões da piscina só têm paralelo no batistério de Marselha e ultrapassam claramente os exemplos de Liubliana ou Barcelona, para referir os que mais se assemelham ao caso de Mértola, sendo de salientar que o batistério de Barcelona também estava decorado com frescos.

Em termos de ato batismal existem duas possibilidades documentadas em Mértola. A este respeito C. Godoy Fernández refere: “Desde épocas paleocristãs, a tradição antiquíssima das primeiras comunidades tinha mostrado sempre uma predileção pela imersão completa dos catecúmenos que, naquele tempo, se realizava em fontes de água viva, imitando o baptismo de Jesus no Jordão. Em épocas mais recentes também era autorizado o rito de aspersão em caso de não se dispor de melhores condições” (1989, p. 635). E existem também casos, segundo esta autora, em que o ritual poderia ser misto.

5. O TEMPLO ANTERIOR À MESQUITA

A atual Igreja Matriz está situada no limite nascente da plataforma artificial contígua ao complexo batismal e foi cristianizada com a reconquista cristã, em 1238, quando Mértola foi conquistada pelas hostes de Santiago de Espada. Os novos senhores não promoveram novas construções, reaproveitando, mais uma vez, as edificações existentes, tal como as estruturas do antigo castelejo e foi cristianizada a Mesquita, dedicando-a a Santa Maria (Boiça & Barros 2011, p. 33).

A escavação, realizada na parte exterior do monumento, revelou uma estrutura monumental, constituída por silharia de granito reaproveitada, com cerca de 2 metros de altura. Estas estruturas foram interpretadas como sendo de uma construção anterior à mesquita. A escavação ainda revelou um espaço retangular, que se destaca do muro paralelo à mesquita e que foi interpretado como sendo uma abside (Gómez Martínez, 2011, p. 103 e 2018, p. 74).

Fora desta plataforma onde foi feita a escavação, foi analisado o paramento da estrutura que está na base da atual igreja e constatou-se que este era construído com recurso a silharia de granito, dispostos em fiadas regulares. Com os dados de que disponho, coloco a hipótese de se tratar do limite nascente de um edifício, de planta simples, com uma abside retangu-

lar, colocada ao centro. Tratar-se-ia de uma construção com cerca de 14 metros de largura interior, dos quais 2,5 metros seriam ocupados pela abside; suponho que o limite norte da construção seria coincidente com o atual muro da igreja e com um comprimento a rondar os 20 metros.

Pela análise dos materiais epigráficos e arquitetónicos, provenientes das várias obras feitas no edifício e nas imediações, pode-se inferir a existência de vários momentos construtivos. Um primeiro edifício, possivelmente um templo dedicado ao culto imperial, atendendo à epigrafia e aos elementos arquitetónicos aí encontrados, poderá ter estado em funções até aos inícios do século IV. Com a proclamação do cristianismo como religião oficial do estado, certamente o templo sofreu transformações, mas desconhecemos o programa arquitetónico. Contudo a descoberta, no local, de algumas impostas e um cimácio leva a considerar a existência de um templo cristão no século VI – VII naquele local.

6. O SUBURBIUM

Os principais locais de enterramento da Antiguidade Tardia situavam-se fora de portas, no *suburbium*, junto às principais vias de ligação a *Pax Iulia*.

As primeiras manifestações cristãs em Mértola terão ocorrido na Necrópole da Achada de S. Sebastião. Trata-se de uma necrópole extramuros, com sepulturas de inumação individuais, escavadas no afloramento xistoso e com uma orientação noroeste-sudeste muito regular, com apenas algumas exceções. O espólio funerário é escasso, genericamente pobre, e remete essencialmente para os séculos III a V d.C., onde se destaca um fragmento de lucerna, com um *crismon* gravado no disco e uma medalha, em ouro, com uma cruz monogramática inscrita num círculo (Lopes, 2014, p. 440) (Figura 8).



Figura 8 – Medalha com *crismon* proveniente da necrópole da Achada de S. Sebastião, António Cunha.

Os dados referentes aos espaços de culto funerário da Antiguidade Tardia, que foram descobertos na antiga cidade de *Myrtilis*, advêm, essencialmente, dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em monumentos que se encontram, atualmente, em situações distintas de conservação e usufruto: em primeiro lugar, a necrópole da Achada de S. Sebastião e a basílica

paleocristã do Rossio do Carmo - ambos os casos foram escavados, musealizados e realizado o respetivo estudo monográfico; em segundo lugar, dois sítios de escavação situados na Rua Afonso Costa, um no subsolo da antiga ermida de Santo António, dita dos Pescadores, onde atualmente se encontra o Cine-teatro Marques Duque e ainda o mausoléu (Figura 9).



Figura 9 – Edifícios funerários de Mértola, Carlos Alves.

7. O MAUSOLÉU

Nos anos de 2008 e 2009, as intervenções arqueológicas levadas a cabo no eixo comercial da Vila de Mértola revelaram uma imponente construção. O monumento corresponde a uma construção com um comprimento máximo de 14 metros e uma largura de 9,5 metros, conservando as criptas alçados com uma altura máxima que rondava 1,78 metros e, nas paredes, a cerca de 1,4 metros de altura, foram observados vestígios do arranque de duas abóbadas de berço. As criptas possuíam, a nível dos pavimentos, quatro sepulturas de contornos retangulares, com uma orientação nascente-poente. Na parte central da cripta conserva-se uma sepultura intacta, coberta por uma argamassa em *opus signinum*, semelhante aos enterramentos coevos de Mértola.

Os elementos de arquitetura decorativa de grandes dimensões, como um cimácio e um fragmento de coluna, bem como a considerável dimensão das estruturas associadas às criptas, levam a colocar a hipótese de que, pudesse haver um segundo piso cujo acesso poderia ser feito pelo exterior, na parte norte das estruturas. Das camadas de revolvimento, existentes no interior das criptas, verificou-se a existência de argamassa com vestígios de pintura e restos de mosaico.

As informações epigráficas de que dispomos (um epitáfio em grego e outro em latim) apontam para dois enterramentos de jovens adultos, um masculino, com o nome Pedro e com 18 anos de idade, e um outro, do qual não se conhece o nome, que viveu 17 anos, apontam para uma ocupação do espaço situada, pelo menos, entre os anos 522 (?) e 566 d.C. (Lopes, 2014, p. 501).

8. A BASÍLICA DO CINETEATRO

A mais antiga referência histórica a este edifício provém da obra de Estácio da Veiga, intitulada *Memórias das Antiguidades de Mértola*, publicada em 1880. O autor refere o “limitado reconhecimento que empreendi junto à valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo Antonio” (Veiga, 1983, p. 117) e terem ali aparecido três epitáfios funerários, gravados em placas de mármore.

As intervenções arqueológicas desenvolvidas no local, no século XXI, contribuíram para a identificação das paredes que, possivelmente, delimitavam o edifício e o dividiam, interiormente, em três naves, tendo a nave central, mais larga, no seu eixo central interior, uma abside. Pelos vestígios observados, depreendo a existência de um templo com dimensões que rondariam os 22 metros de comprimento e os 15 metros de largura, com a nave central com cerca de 6 metros de largura e as naves laterais com 4 metros de lado. O espaço coberto deveria rondar os 330 m². A proposta planimétrica que apresento, de uma igreja com três naves e duas absides afrontadas, baseia-se na probabilidade de estarmos em presença de um templo relativamente simétrico e compartimentado interiormente, como a maior parte dos edifícios religiosos coetâneos.

A escavação arqueológica não nos permitiu saber quando é que a basílica e a necrópole deixaram de funcionar, contudo, apesar das indicações epigráficas nos remeterem para um intervalo situado entre 465 e 518 d.C., é perfeitamente admissível que a sua construção se iniciasse em meados do século V, tendo-se prolongando a sua utilização pelas centúrias seguintes.

9. A BASÍLICA DO ROSSIO DO CARMO

Este local foi utilizado como necrópole na Idade do Ferro e no período romano e supõe-se ter existido nesta zona uma área cemiterial desde o século IV a.C., hipótese sustentada pela lápide funerária que estava a ser reutilizada e servia de tampa de uma sepultura paleocristã com *escrita do sudoeste*, encontrada nas obras efetuadas em 1993. Posteriormente, o Rossio do Carmo teve uma necrópole de inumação (a partir do final do século I d. C.). A localização junto à via enquadra-se dentro de numa prática comum que estabelecia que, ao passar pelo local dos enterramentos cada um devia prestar constantes homenagens aos seus falecidos antepassados. Esta zona cemiterial antecede a futura basílica. As sepulturas ocupavam, já no século V, uma área considerável da zona onde se implantaria o

templo. Segundo Manuela A. Dias, as inscrições funerárias encontradas no local permitem com segurança, atestar uma ocupação contínua entre, pelo menos, os anos 462 e 729 d.C. (Dias & Gaspar, 2006, p. 135).

Tratava-se de uma igreja de três naves, com sete tramos separados por colunas e com duas absides contrapostas, semicirculares e que eram ressaltadas em relação ao corpo do edifício.

Segundo aquilo que os vestígios arqueológicos permitem calcular, a basílica teria cerca de 31,5 metros de comprimento por 16 metros de largura interior, sendo o comprimento máximo das naves laterais 23,8 metros (Macias, 1993, p. 39). Quanto aos sistemas construtivos, trata-se de um edifício em alvenaria de pedra argamassada, com espessas camadas de reboco de cal.

Este edifício revela uma funcionalidade funerária em quase todo o espaço interior, bem como nas áreas adjacentes, onde se localizam sepulturas em fossa, escavadas na rocha. A cobertura destes túmulos era feita com *opus signinum* e, em alguns casos, identificados com uma lápide funerária. O conjunto de lápides estudadas por Manuela A. Dias revela não só questões de natureza cronológica ou estilística mas, também, dados de natureza social e geográfica. Através do seu estudo ficou provada a presença em Mértola de várias comunidades humanas oriundas de todo o Mediterrâneo (Dias, 1993, p. 103).

10. A TORRE DO RIO

De todo o conjunto monumental de muralhas existentes, a Torre do Rio (também chamada torre couraça) é paradigmática das técnicas construtivas do período tardo-romano. De facto, não se trata de uma torre, mas de um passadiço constituído por seis pilares e outros tantos arcos (dos quais apenas se conserva a zona do arranque), que se situava entre a Porta da Ribeira e o rio. Esta construção permitia, assim, ligar o espaço intramuros ao rio Guadiana. A sua extensão total ronda os 47,8 metros; no entanto, se considerarmos a ligação, inevitável, à muralha a extensão do monumento acresce aos 51,3 m (Figura 10).

Em toda esta construção se encontram silhares e fustes de coluna de mármore e de granito reaproveitados. No entanto, a torre mais próxima do rio é exteriormente constituída por silharia; os restantes recorrem também, pontualmente, a silhares, ao nível dos arcos e do quebra-mar, embora a maioria da construção tenha sido construída com material local. Este aparelho misto, revelador da adaptação da técnica romana aos

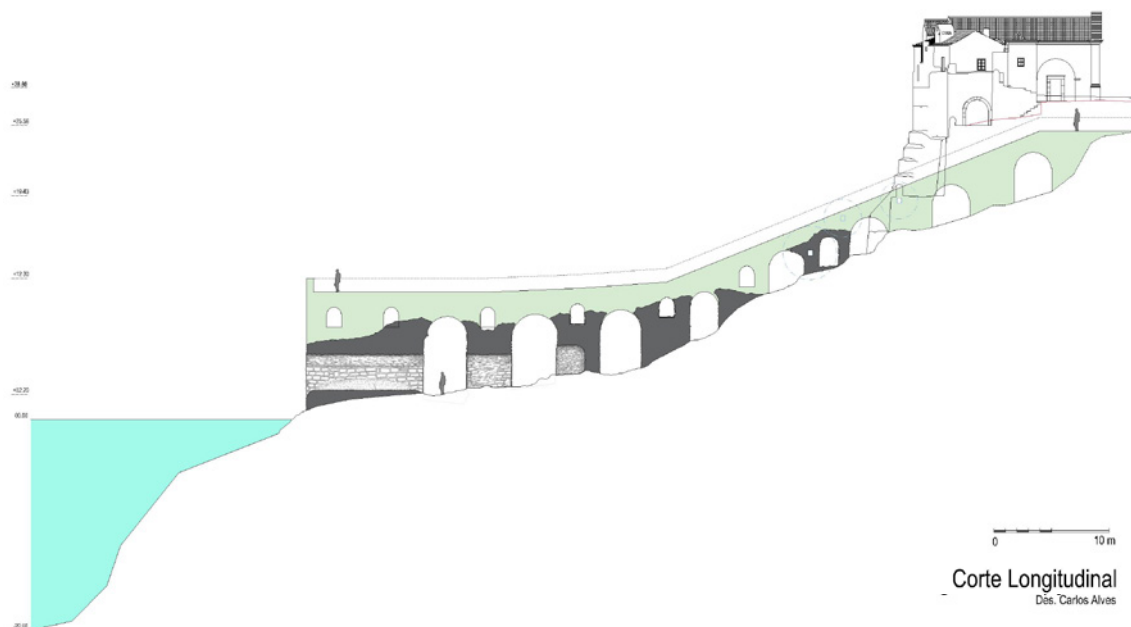


Figura 10 – Torre do Rio proposta de reconstituição volumétrica e funcional, Carlos Alves.

materiais disponíveis no local, também foi utilizado, como já se referiu, no criptopórtico.

No interior dos pilares o enchimento é feito com *opus caementicium*, ou seja, é ligado por uma forte argamassa de cal hidráulica, misturada com pequenas lajes de xisto local, dispostas na horizontal. Em vários pontos da torre foram recolhidas amostras que proporcionaram estudos composicionais das argamassas e que indiciam uma boa homogeneidade, bem como uma excelente resistência à erosão (Silva, *et al*, 2006: 85-90). No nível superior dos pilares é perceptível o arranque dos arcos que ligariam todo o conjunto, existindo nos pilares dois, três, quatro e seis arcos menores, hoje parcialmente destruídos, que teriam como função aliviar a pressão exercida sobre a estrutura, deixando passar parte das águas vindas de montante e diminuindo o impacto da força da corrente.

No que concerne a funcionalidade desta estrutura, três hipóteses deverão ser consideradas. Uma das utilizações poderá estar relacionada com a defesa da cidade, de forma a permitir a ligação entre a muralha e o rio, para um melhor aprovisionamento de água, mesmo em situações de assédio militar. Uma segunda, complementar da primeira, relaciona-se com o controlo da zona portuária, como refere Vitruvius, no Capítulo XII do Livro Quinto do clássico *De Architectura*, (Maciel, 1996, p. 325-326). A referência à existência de sistemas de proteção dos portos através de correntes metálicas que, esticadas, na zona da barra

e/ou entre as margens, impediam o livre movimento dos navios em certas áreas dos portos fluviais, é uma situação que se adapta perfeitamente ao caso em estudo. Outra hipótese é poder estar relacionada com algum mecanismo de elevação (grua) que pudesse servir para a descarga de barcos, encaminhando os produtos pela parte superior, ganhando assim altura para poder vencer o desnível da zona junto ao rio em relação à cota da muralha; como o aparelho das torres se encontra, atualmente, destruído na sua parte superior, não é possível proceder à confirmação arqueológica desta hipótese de funcionalidade.

Quanto à datação deste monumento apenas se pode dizer que, do seu interior, foi retirada uma inscrição votiva, reaproveitada na construção, datada do século II d.C. (Valente, *et al*, 1982, p. 3-5), pelo que se pode inferir que a construção é posterior.

No que se refere aos paralelos, em termos da técnica construtiva utilizada nesta torre, apresentam soluções idênticas às usadas nas muralhas e portas de Lugo, dos finais do século III ou dos inícios do IV. Nesta cidade, parte das torres e portas foram construídas reutilizando silharia, e as restantes secções foram executadas utilizando um pequeno aparelho com a pedra local (González Paz, 2007, p. 63-71) ou soluções construtivas semelhantes e coetâneas como as verificadas na muralha tetrarquica de Legio (Leão) (García Marcos *et al*, 1997, p. 515-531), ou de Astorga (Sevillano Fuertes, 2007, p. 325).

No entanto, faltam paralelos satisfatórios para este monumento no que se refere à sua funcionalidade. As torres Corachas que são conhecidas geralmente são bastante tardias (Ricard, 1954; Pavón Maldonado, 1993); por outro lado, são conhecidos poucos casos de estruturas de portos fluviais da fase final do domínio romano.

Certamente, em torno desta torre se desenvolvia a atividade portuária e certamente seria este o local nevrálgico da economia de *Myrtilis*..

11. O TERRITÓRIO

Em geral, os terrenos do concelho de Mértola são extremamente pobres. O povoamento é feito em locais junto a pequenos vales, com cursos de água sazonais e alguma terra arável. No concelho de Mértola foram construídas, durante a Antiguidade Tardia, edificações religiosas, das quais se conservam alguns elementos até aos nossos dias: na Ermida de S. Brissos/Senhora do Amparo, no decurso de obras, foi encontrado um pé de altar em mármore com uma cruz patada; na Ermida de Nossa Senhora das Neves (antiga Santa Maria de Flores); na Igreja Matriz/antiga Mesquita de Mértola uma coluna torsa e a existência de elementos de mármore reutilizados; na pequena Igreja de S. Barto-

lomeu de Via Glória as obras de recuperação, levadas a cabo há cerca de uma dezena de anos, permitiram a recolha de um conjunto de fragmentos arquitetónicos de época alto-medieval, em que fragmentos de uma cancela, uma imposta e bases de altar são os derradeiros elementos de uma basílica rural há muito sepultada sob a atual igreja (Figura 11).

Outro dos casos em que temos trabalhado é o Monte Mosteiro. Este localiza-se na parte norte da freguesia de Mértola, a cerca de 25 km da sede do concelho, junto à antiga estrada que ligava *Myrtilis* (Mértola) a *Pax Julia* (Beja), na proximidade da ribeira de Terges e Cobres. Do primitivo templo cristão a informação arqueológica é escassa, dada a quantidade de obras levadas a cabo ao longo dos tempos. O edifício era constituído inicialmente por dois espaços: a capela-mor, com vestígios de abóbada, e o corpo principal, de forma retangular, ambos com estruturas de alvenaria de pedra e barro. Teria sido um edifício com uma arquitetura simples, com um telhado de duas águas a cobrir o corpo principal e uma ábside – capela-mor abobadada. Durante os trabalhos arqueológicos, foram identificadas trinta e duas sepulturas, das quais apenas vinte e quatro foram escavadas e estudadas (Figura 12). O espólio é reduzido tendo, de quatro sepulturas, sido exumados um anel, dois pares

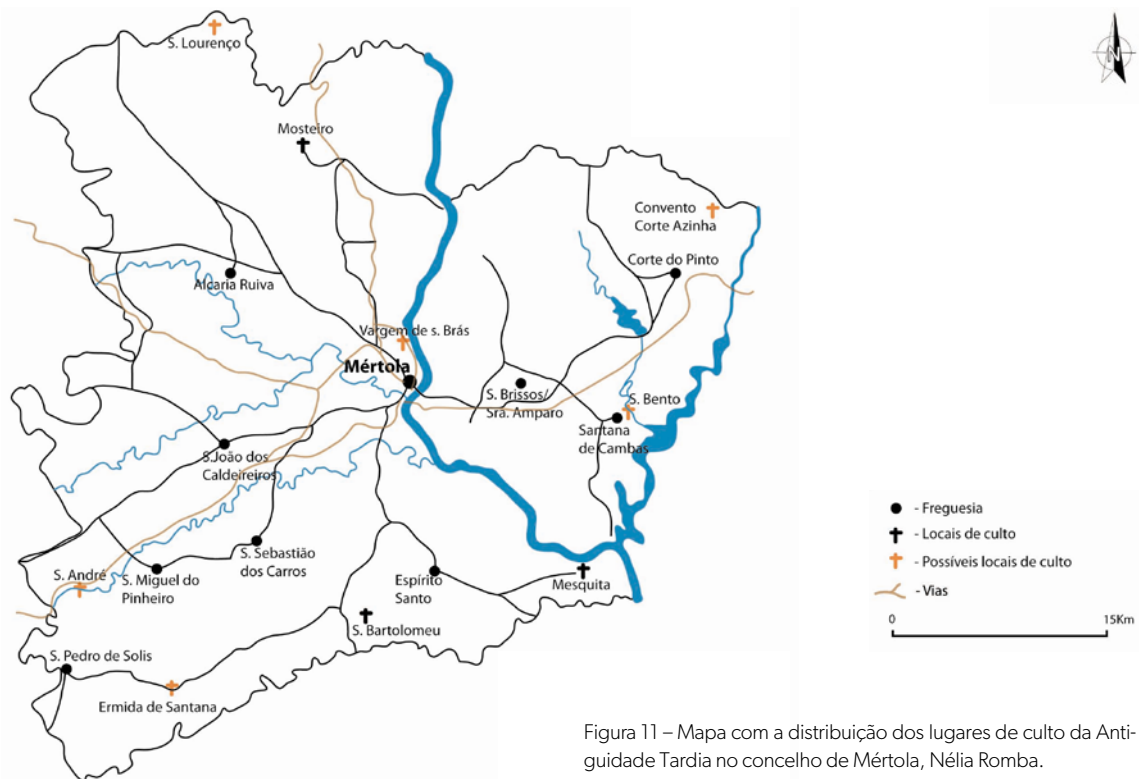


Figura 11 – Mapa com a distribuição dos lugares de culto da Antiguidade Tardia no concelho de Mértola, Nélia Romba.

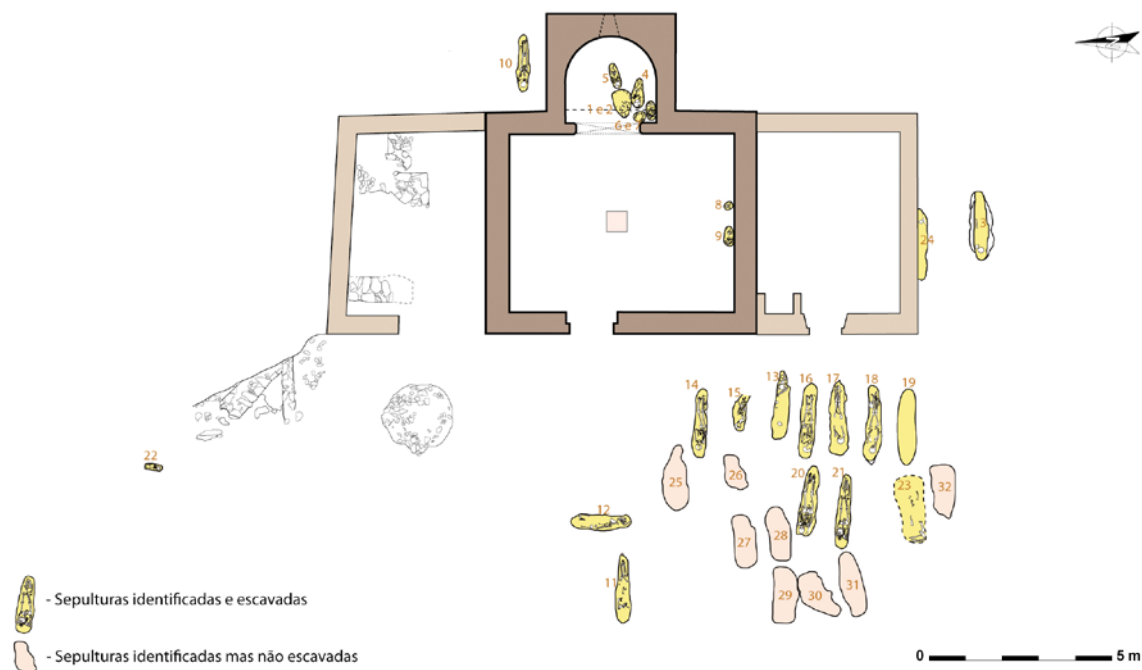


Figura 12 – Planta geral da escavação arqueológica realizada no Mosteiro, Nélia Romba.

de brinco, três contas de vidro e um fragmento de pulseira. Os materiais – bronze, vidro e ferro – apresentam genericamente um mau estado de conservação e são datáveis entre os séculos V a VII, sendo identificadas algumas afinidades tipológicas com os materiais encontrados na Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo.

12. CONCLUSÕES E QUESTÕES EM ABERTO

Não podemos olhar os edifícios numa perspectiva estática mas sim dinâmica e não nos custa admitir que num primeiro momento, possivelmente durante o século IV, aquando da construção do criptopórtico e na altura em que este servia de passagem, que o tanque e a piscina octogonal fossem uma fonte de um edifício palatino de um alto dignitário da cidade. A ábside situada na ala leste, poderia não ser destinada ao altar cristão, mas antes a uma estátua ou figura ornamental (Real, 2014, p. 251), tese também defendida por J. Alarcão “*Pelo menos um dos alegados batistérios mais parece uma fonte ornamental. Não se podendo identificar, no conjunto edificado, nenhuma óbvia basílica, parece legítimo perguntar: não seria este conjunto uma rica residência?*” (Alarcão, 2018, p. 308). Nunca afirmámos que o edifício inicialmente tenha tido um propósito religioso, contudo as últimas remodelações e ocupações do local afigura-se-nos como sendo um espaço batismal.

Apesar das salutares dúvidas e da antítese gerada a esta nossa interpretação inicial e de termos procurado paralelos de fontes e de palácios coevos, existem casos de estruturas termas com a configuração octogonal, embora no que concerne ao território peninsular, parece que a forma circular foi a mais utilizada, vejamos os representativos casos do *frigidarium* de Conímbriga e do *laconicum* de Évora (Reis, 2004, p. 64, fig. 14a e p. 71, fig. 22). Na obra de Dora Levi, dedicada a vários conjuntos arquitetónicos da cidade de Antioquia, trata-se da grande sala octogonal do Balneário C de Antioquia onde, num dos principais salões, existe um *frigidarium* com a forma octogonal, com quatro absidiolos laterais, identificado como um balneário de tipo imperial, datado de cerca de 350 d.C. (Levi 1947, fig. 118), apenas com um degrau interior. Assim, não será de estranhar que S. Ambrósio de Milão ao criar o batistério octogonal se tenha inspirado na arquitetura balnear precedente.

Na ausência de um bispo, como justificar a existência de dois batistérios? Cláudio Torres avançou com a hipótese de em Mértola existir uma comunidade monofisita e que os dois batistérios seriam cada um pertencente a uma comunidade cristã diferente (Torres, 2014, p. 46-53). Embora esta segunda realidade ocorra em cidades como Ravena e Barcelona, é de referir que os batistérios de ambas as cidades estão se-

parados espacialmente na malha urbana, ao contrário do que ocorre em Mértola em que os dois batistérios se situam em edifícios muito próximos um do outro. A existência de dois baptistérios, aparentemente contemporâneos, implica a existência de um complexo religioso importante, possivelmente heterodoxo, daí os seus eventuais bispos não terem participado nos respetivos concílios católicos.

Como ficou demonstrado anteriormente, o ritual do batismo sofreu transformações ao longo dos tempos, e se nos primeiros séculos apenas se fala do batismo de adultos, progressivamente os batistérios vão diminuindo de tamanho, tendo sido adaptados ao batismo de jovens e posteriormente de crianças. Seriam tantos os catecúmenos que se justificasse a existência de duas instalações batismais? Ou poder-se-á falar de uma piscina batismal para mulheres e outra para homens? Ou ainda a hipótese de que as instalações batismais se tenham sucedido temporalmente? São questões a que, perante a insuficiência dos dados arqueológicos, não me é possível de momento responder cabalmente.

Deste complexo religioso fará parte uma basílica. Este facto, não parece compatível com a atual Igreja Matriz, dadas as áreas que os batistérios ocupam, o local de culto teria que ter uma área superior à dos batistérios. Propomos que esta se localize por debaixo das habitações do período islâmico. Nas sondagens realizadas no pátio da casa número IX foi possível observar construções com silhares de granito que nos permitem prever a existência de grandes embasamentos, que poderão estar relacionados com o local de culto, assim sendo, os dois batistérios estariam integrados num conjunto de edifícios, situados a cotas distintas, mas possivelmente integrados, formando o complexo religioso, que em tudo se assemelha aos complexos episcopais conhecidos.

Conhecemos relativamente bem os espaços funerários da cidade, a grande Basílica do Rossio do Carmo, a do Cineteatro e ainda o mausoléu, templos que tinham no seu interior e no espaço envolvente, enterramentos. Estes locais proporcionaram um importante acervo epigráfico, testemunho de uma elite, onde se incluem epitáfios em latim, em grego e também com simbologia hebraica.

A cristianização do território mertolense, mais tardia do que a da cidade, é evidenciada pelas escavações arqueológicas levadas a cabo no Monte Mosteiro, onde um pequeno templo nas proximidades da principal via de acesso de *Myrtilis* a *Pax Iulia*, a capital regional, revelou uma realidade muito semelhante à

que ocorre em Mértola. Nessa pequena localidade, os fragmentos arquitetónicos remanescentes apontam para uma gramática decorativa semelhante à de Mértola, bem como os restos de mosaicos. O espólio funerário encontrado no interior de algumas sepulturas é muito similar ao proveniente da basílica do Rossio do Carmo e perfeitamente integrável, tal como o restante, nos séculos VI-VII d.C..


A cidade de *Myrtilis* foi uma importante urbe que a partir da segunda metade do século V e durante os séculos VI-VII gozou de grande prosperidade, facto atestado pelos vestígios arqueológicos postos a descoberto nas últimas décadas, e que continuam a surpreender-nos com novos achados.

Mértola, novembro 2019

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge (2018) – *A Lusitânia e a Galécia: do séc.II a.C. ao séc.VI d.C.*, Coimbra.
- BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria F. R. (2011) – *A Igreja Matriz De Mértola*. In MACIAS, S., *Et Al.*, *Mesquita Igreja De Mértola Mértola: Campo Arqueológico de Mértola*. pp. 33-88.
- BOURGUET, P. (1965) – *La Peinture Paléo-Chrétienne*, Port Royal, 3, Suíça.
- BRANCO, M. S. C. (1997) – *Duarte De Armas Livro Das Fortalezas*, Edição Fac-Similado Ms 159 Da Casa Forte Do Arquivo Nacional Da Torre Do Tombo (2ª Ed.). Lisboa.
- DIAS, Maria M. A. (1993) – Epigrafia, In Macias, S., *Et Al*, *Museu De Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico De Mértola, Mértola, pp. 102-138.
- DIAS, Maria M. A.; GASPAS, Catarina (2006) – *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, Centro De Estudos Clássicos Ul, Lisboa.
- DIAS, Maria M. A.; GASPAS, Catarina; LOPES, Virgílio (2013) – Mértola En La Antigüedad Tardía: Nuevos Datos Arqueológicos Y Epigráficos, *Habis*, 44, Universidad De Sevilla, pp. 247-267.
- GANDOLFI, D.; FRONDONI, A. (2010) – Recenti indagini Archeologiche nel Battistero di Albenga, in *Albenga Città Episcopale*, Albenga.
- GARCÍA MARCOS, V.; MORILLO CERDÁN, Á.; DURÁN CABELLO, R. Ma. (2007) – La muralla tetrárquica de Legio: aproximación al conocimiento de un sistema constructivo”, in RODRÍGUEZ COLMENERO, A., RODÁ DE LLANZA I. (eds.), *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 381-399.
- GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1989) – Baptisterios Hispánicos (Siglos IV al VIII): Arqueología y Liturgia. In *Actes du XI^e Congrès*

- International d'archéologie Chrétienne*, (Vol. 1, Rome: Ecole Française, pp. 607-635.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2011) – *Intervenção Arqueológica na Mesquita-Igreja Matriz de Mértola*, In Macias, S., et al., *Mesquita Igreja de Mértola* Mértola: Campo Arqueológico De Mértola, pp. 89-104.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2018) – Vestígios Ocultos e Esquecidos. A Informação Arqueológica, *Monumentos*, 36, pp. 73-74.
- GONZÁLEZ PAZ, C. Andrés, (2007) – “A muralla romana de Lugo: permanência no medioevo”, in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 313-325.
- GUYON, Jean (1991) – Le baptême et ses monuments. In *Naissance des Arts Chrétiens*, Ministère de la Culture/Imprimerie Nationale Éditions, Paris, pp. 70-87.
- IDACIO (1984) – *Idacio, Obispo de Chaves, Su Crónica*. (Introducción, Texto Crítico, Versión Española y Comentario por Julio Campos, Sch. P.). Salamanca: Ediciones Calasancias.
- LEVI, Doro, (1947) – *Antioch mosaic pavements*, Princetron University Press, Princeton.
- LOPES, Virgílio (2003) – *Mértola na Antiguidade Tardia*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- LOPES, Virgílio (2012) – *Casa Romana – Museu de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola
- LOPES, Virgílio (2014) – *Mértola e o Seu Território na Antiguidade Tardia (SÉCULOS IV-VIII)*. Huelva: Universidade de Huelva. Dissertação de Doutoramento. Disponível. Em <Http://Rabida.Uhu.Es/Dspace/Handle/10272/8053>, [Consulta Realizada Em 29/8/2016]
- MACIAS, S. (1993) – Um Espaço Funerário. In MACIAS, S., et al., *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 30-62.
- MACIAS, S. (1993) – Um Espaço Funerário. In MACIAS, Santiago, TORRES, Cláudio, *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico, Mértola, pp. 30-62.
- MACIAS, Santiago (2006) – *Mértola – O Último Porto do Mediterrâneo*, 3 Vols., Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MACIAS, Santiago & TORRES, Cláudio (2011) – *Mesquita de Mértola*. In MACIAS, S., et al., *Mesquita Igreja de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 9-31.
- MACIEL, Manuel J. (1996) et al. *O Livro V De Architectura de Vitruvius*. In MACIEL, Manuel J. *Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa: Colibri, pp. 325-326.
- PAVÓN MALDONADO, Basilio (1993) – *Cidades y fortalezas lusomusulmanas*. Madrid. Instituto de Cooperación com el Mundo Árabe.
- REAL, Manuel (2014) – Reflexões sobre o moçarabismo no Gharb Al-Andalus: o caso português. In GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; MACIAS, Santiago; LOPES, Virgílio (ed.): *O sudoeste peninsular entre Roma e o Islão*, Campo Arqueológico, Mértola, pp. 244-351.
- REIS, Pilar (2014) – *Las termas y balnea romanos da Lusitânia*, *Studia Lusitana*, 1, Ministerio da Cultura, Mérida.
- RICARD, Robrt, (1954) – Couraça et coracha. In *Al-Andalus*, vol. XIX, Madrid-Granada, pp. 150-172.
- SILVA, A. Santos; RICARDO, J. M.; SALTA, M.; ADRIANO, P.; MIRÃO, J.; CANDEIAS, A. Estêvão e MACIAS, S. (2006) – “Characterization of Roman mortars from the historical town of Mértola”, in *Heritage Weathering and Conservation*, vol. I, Taylor & Francis, Madrid, p. 85-90.
- TORRES, Cláudio (2014) – Do cristianismo primitivo ao islão. In GÓMEZ MARTÍNEZ, S.; MACIAS, S.; LOPES, V. (ed.): *O sudoeste peninsular entre Roma e o Islão*. Campo Arqueológico, Mértola, pp. 46-53.
- TORRES, Cláudio & OLIVEIRA, José C. (1987) – *O Criptopórtico-Cistema da Alcáçova de Mértola*. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid, 1987*. Madrid: [Comunidad de Madrid] T. II, pp. 617-626.
- TORRES, Cláudio & SILVA, Luís (1989) – *Mértola Vila Museu*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- VALENTE, Jorge; OLIVEIRA, José; SANTOS M. Pereira (1982) – “Ara votiva de Mértola (Conventus Pacensis)”, *Ficheiro Epigráfico*, 1, pp. 3-5.
- VEIGA, Estácio (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*, edição fac-similada de 1880, Lisboa, Imprensa Nacional/Câmara Municipal de Mértola.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt